



II FÓRUM INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO
XIV FÓRUM NACIONAL DE EDUCAÇÃO
XVII SEMINÁRIO REGIONAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA
De 27 à 30 de abril de 2016 na Universidade de Santa Cruz do Sul.

EDUCAÇÃO, EXPERIÊNCIA E EMANCIPAÇÃO NO SANTO DAIME

Ana Paula Kahmann¹-UNISC

GE: Memórias, Trajetórias e Experiência na Educação.

Resumo

Na perspectiva das “Epistemologias do Sul” (SANTOS, MENEZES, 2010), a presente pesquisa segue no movimento de revalorização de experiências educativas provindas de culturas tornadas invisíveis ou subalternas pelo cientificismo moderno e seu ideário, colocando, desse modo, o seguinte problema: O que revelam as memórias dos sujeitos daimistas em relação às suas experiências no Santo Daime, e em que medida elas manifestam (ou resultam de) processos educativos presentes nessa religião? O objetivo, portanto, é compreender quais são e como ocorrem as práticas educativas, e suas possibilidades emancipatórias nas narrativas de experiência de sujeitos daimistas. Para isso serão utilizados os conceitos de “liberdade transcendente” de Jaspers e do “processo de individuação” de Jung. Também será realizada a história oral de vida, seguindo as orientações de Meihy (2002), de três homens e três mulheres integrantes dessa religião. As histórias de vida, assim como dois conjuntos de cânticos, denominados de hinários, serão submetidos à análise de conteúdo (AC) conforme as etapas propostas por Moraes (1999). A fundamentação teórica será

¹ Mestranda em Educação pela UNISC e bolsista CNPq. E-mail: ana.kahmann@hotmail.com.

contrastada com os significados revelados pela triangulação entre: categorias emergentes da AC das histórias orais de vida, categorias emergentes da AC dos hinários, e bibliografia concernente ao Santo Daime. Pela fundamentação da experiência, através de filósofos que a compreendem como produtora de saberes, ela é aqui considerada como um caminho formativo pautado no deslocamento dos sujeitos envolvidos (PEREIRA, 2013). Desse modo, aponta-se como resultados preliminares, que existem saberes provindos de experiências de certos sujeitos individuais e coletivos que, diferente da cultura racionalista eurocêntrica moderna, defendem a emancipação como um processo interior.

Palavras-chave: Educação, Experiência, Emancipação, Santo daime.

INTRODUÇÃO

Esse artigo trata-se de uma comunicação de pesquisa em andamento, que direciona o olhar às experiências educativas proporcionadas pela primeira religião ayahuasqueira do Brasil, que é popularmente conhecida como Santo Daime. O Santo Daime tem sua origem em 1930, através da experiência de Raimundo Irineu Serra com a ayahuasca, uma bebida psicoativa utilizada a mais de cinco mil anos na região amazônica (SCHULTES, 1972). Irineu que nasceu no Maranhão, migrou para o Acre com o intuito de trabalhar na extração do látex. A sua iniciação com a ayahuasca, rebatizada por Irineu de daime, foi na região de Cobija, na Bolívia, e ocorreu por intermédio de um ayahuasquero peruano conhecido como Dom Crescêncio Pizango (MACRAE, 1992, p.62).

A principal de suas primeiras experiências foi uma visão recorrente de certa entidade feminina, a quem primeiramente chamou de Clara, mas que após veio a ser reconhecida como a Rainha da Floresta. Essa entidade teria ordenado a Irineu que fizesse um retiro de oito dias na mata, comendo apenas macaxeira cozida e sem sal, pois ele teria aceitado um chamado para introduzir a ayahuasca no mundo dos brancos. É atribuído a esse período o recebimento do hino “Lua Branca”, o primeiro de um conjunto de cento e vinte e nove hinos recebidos no decorrer de sua vida, que constituem o hinário denominado “O Cruzeiro”. A Rainha da Floresta teria lhe dado, além dos hinos, toda a estrutura e elementos dos rituais do Santo Daime.

Após o falecimento de Irineu em 1972, Sebastião Mota de Melo, conhecido como *Padrinho* Sebastião, funda em 1974 o CEFLURIS (Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra). O CEFLURIS é uma das dissidências do grupo fundado por Irineu

Serra. Ele compartilha elementos básicos da doutrina do Santo Daime, embora também tenha diferenças, como a incorporação de elementos relacionados ao espiritismo kardecista e às religiões afro-brasileiras. Por ter se expandido pelas diversas regiões do Brasil e no mundo inteiro, ao contrário de outros grupos originados em *Mestre Irineu*, geralmente quando se fala em Santo Daime se está referindo a esse grupo. O mesmo também vale para essa pesquisa, já que essa é a igreja frequentada pelos seus sujeitos.

EDUCAÇÃO, EXPERIÊNCIA E EMANCIPAÇÃO

De acordo com Dewey (1959) não existem conhecimentos (saberes) que não provenham da experiência, e a experiência é intransmissível. O que se poderia fazer é possibilitar uma experiência. Apesar de Dewey salientar que todo conhecimento provém da experiência, ele pondera que nem toda experiência produz conhecimentos. Conforme o filósofo, algumas experiências podem ser deseducativas. Uma experiência para ser educativa tem que ser reflexiva. Considero, aqui, o fato de que a palavra reflexão é oriunda do verbo latino *reflectere*, que significa voltar atrás, ou seja, repensar. Uma experiência reflexiva, portanto, requer continuidade e mudança. Para Gadamer (1997) uma experiência que não prevê abertura a novas experiências, não poderia sequer ser assim designada, pois para o autor:

[...] a pessoa que chamamos de experimentada não é somente alguém que se fez o que é *através* das experiências, mas também alguém que está aberto *a* experiências [...] o homem experimentado [...] precisamente por ter feito tantas experiências e aprendido graças a tanta experiência, está particularmente capacitado para voltar a fazer experiências e delas aprender. (Ibid., p. 525).

A reflexão provoca no sujeito um deslocamento de si, ou seja, uma transformação. O valor da experiência reside, assim, na percepção de relações e continuidades que produz. Uma experiência é educativa e reflexiva quando o sujeito torna-se capaz de relacionar seus atos às respectivas consequências. Isso a leva a proceder com objetivos, influenciando no resultado dos acontecimentos, e a aceitar a responsabilidade de seus atos. Portanto, a experiência denota um caminho formativo pautado no permanente deslocamento dos sujeitos nele envolvidos, ou seja, aqueles que partilham uma experiência, ao vivê-la, deixam de ser o que vinham sendo, em favor de algo que ainda não eram (PEREIRA, 2013).

Albuquerque (2011) identifica em seu livro *Epistemologias e Saberes da Ayahuasca* onze categorias de saberes que os adeptos do Santo Daime dizem ter aprendido a partir da ingestão do seu chá sacramental. Já a pesquisa aqui exposta foca em um tipo de saber

específico: o conhecimento de si, ou o autoconhecimento. O autoconhecimento se enquadra naquilo que Albuquerque classifica como “saberes existenciais”, saberes esses brevemente caracterizados em seu livro, porém não aprofundados. Esse processo de autoconhecimento possibilitaria encontrar-se a si mesmo, o que é denominado por Karl Jaspers de “liberdade transcendente”. Já Carl Gustav Jung denomina o processo de autoconhecimento de individuação. Individuação é tornar-se um ser único, homogêneo, pois a ampliação da consciência de si permite o contínuo distanciamento da condição de massa, permitindo que o indivíduo vá constituindo-se como um ser autônomo.

Sendo assim, o processo de individuação é visto aqui como um processo emancipatório. Pois apesar de emancipação ser um termo polissêmico, o estamos considerando no seu sentido literal, onde:

emancipar-se significa libertar-se do jugo, da tutela de alguém. Implica autodeterminação, onde o sujeito se rege pela sua capacidade de orientação, de ser agente (e não paciente). Originária do latim, a palavra “emancipação” expressa na sua raiz: não mais escravo ou indivíduo dependente; libertar-se do poder exercido por outros. (STRECK; ADAMS, 2014, p. 67).

Nos termos propostos por Jung (1987), a individuação é o processo na qual o ego (centro da zona consciente) integra-se ao *Si-mesmo*, também denominado de *Self*, (centro e totalidade da psique), ou seja, quando ao ampliar nossa consciência, transcendemos nossa identificação com o ego e ele passa de nosso senhor a colaborador. Porque a função do ego não é “seguir ilimitadamente seus impulsos arbitrários” (FRANZ, 2008, p.213), mas sim, auxiliar na realização da “totalidade da psique. É o ego que ilumina o sistema inteiro, permitindo que ganhe consciência e, portanto, que se torne realizado” (Ibid., p.213). Conforme Vergueiro (2008), Jung reconhece que algumas religiões podem exercer um papel considerável no processo de individuação, desde que elas não percam o sentido original de religiosidade. A autora coloca que:

O sentido original de religiosidade, para Jung, pode ser esclarecido pela origem latina da palavra *religare*. Esta nos remete à capacidade humana de religar, reconectar dimensões da personalidade que tendem a um natural afastamento, especialmente na primeira metade da vida. Ou seja, a religiosidade é, para Jung, a capacidade de religar a dimensão do ego, centro do campo da consciência, à do si mesmo, totalidade psíquica. Uma vez desenvolvida e exercida essa religação, o ego pode realizar as demandas do si mesmo, que visam à individuação. (Ibid., p. 128).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos como resultados preliminares da pesquisa a constatação de que a religião do Santo Daime é vista por seus adeptos como uma “escola espiritual” que objetiva um processo análogo ao da individuação. O denominado *Eu Superior* pelos daimistas, pode ser entendido como o *Si-mesmo* de Jung, ou seja, o Eu central. Já o *Eu Inferior* daimista é o *ego* junguiano. Os daimistas acreditam que o chá ingerido em seus rituais possibilitaria uma experiência de ampliação da consciência. Os rituais do Santo Daime, denominado pelo grupo de “trabalho”, consistiriam, assim, no progressivo desvendamento do *Eu Superior*, descobrindo a “verdadeira identidade de cada um através das mirações” (Ibid., p. 70). Esses “trabalhos” são concebidos como batalhas de doutrinação do *Eu Inferior* que para os daimistas é “relacionado à matéria e teria natureza transitória” (MACRAE, 1992, p. 70). No entanto, gostaria de salientar que a esta pesquisa está em movimento. O que foi aqui exposto é resultado do trabalho realizado antes da banca de qualificação do projeto, momento esse onde foram indicados diferentes autores que proporcionaram novos olhares em relação a esse tema.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. **Epistemologias e Saberes da Ayahuasca**. Belém: EDUEPA, 2011.

DEWEY, John. **Democracia e educação**: introdução à filosofia da educação. 3. ed. São Paulo: Companhia editora nacional, 1959.

FRANZ, M.-L. O processo de individuação. In: JUNG, Carl Gustav (org.) **O homem e seus símbolos**. 2. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

JUNG, Carl Gustav. *A prática da psicoterapia*. In. **Obras completas de C. G. Jung** (Vol.16). Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

MACRAE, Edward. **Guiado pela lua**: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v.22, n.37, p.7-32, 1999.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade**: um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria: EdUFSM, 2013.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SCHULTES, Richard Evans. An overview of hallucinogens in the Western hemisphere. en **Flesh of the Gods: Ritual Use of Hallucinogens**, de FURST, P. NY (ed.) Praeger, 1972.

STRECK, Danilo R.; ADAMS, Telmo. **Pesquisa participativa, emancipação e (des)colonialidade**. Curitiba: Editora CRV, 2014.

VERGUEIRO, Paola Vieitas. **Jung, entrelinhas**: reflexões sobre os fundamentos da teoria junguiana com base no estudo do tema da individuação em Cartas. *Psicologia: teoria e prática*, São Paulo, v.10, n.1, jun. 2008.